

MD MAGNO
continuação de:

A PSICANÁLISE, NOVAMENTE

(um Pensamento para o Século II da era Freudiana)

RESPOSTAS A PERGUNTAS

(ou melhor, PERGUNTAS SEM REPOSTA)

Texto escrito em 2001 e publicado em: ALONSO, A. e ARAUJO, Rosane (orgs.). *O Futuro da Psicanálise*. Rio de Janeiro: NovaMente / Contracapa, 2002. ISBN 85-87184-29-6. p. 336-342

? O que respondo, porque é assim que perguntam, é de ser entendido sobre o pano de fundo (colcha de retalhos) do que se disse aqui antes de mim, porque cheguei por último já sabendo do havido – e só me perguntam porque escutaram aquilo tudo. Quando orientei os companheiros do *...etc.* que produzissem um tamanho (des)encontro sobre “O Futuro da Psicanálise”, apontando alguns nomes meramente como amostragem, mas perfeitamente exemplares, era o interesse de tomar pé no cacofônico, e mostrá-lo, mais uma vez como é claro, perante a platéia aturdida dele mesmo. Redundância, pleonasma, a chuva no molhado.

? Pelo que vemos em todos os depoimentos desses senhores, é claro que *a Psicanálise tem futuro* – que aliás ela não tem é outra coisa. Talqualmente este país apasmalhado, o “do futuro”, onde se pintam estas nossas belas fantasias futuras. O que não se sabe é *se a Psicanálise tem presente*: no antes, no agora, no depois – em qualquer caso.

? A respeito do tema, são pérolas demais. Mais um pouco, menos outro, não mudará tanto assim (ou não?) o perolário.

? Aliás, nunca se pode mesmo deter o Inconsciente. Sabendo dele ou não. Com ou sem Freud. E Lacan, muito cedo, apontou: o besteiro e o bestiário no seio da besteira estercorária.

? Futuro, é hoje e nunca mais. Quando houver algum amanhã, já será o presente. Falar de futuro é mesmo só falar de hoje para sonho: de que amanhã seria o nosso diferente. As forças em processo vão decidir por si mesmas: à revelia, mas

não sem a participação do nosso próprio sintoma. Quem quiser que agüente esta: vai ter mesmo que agüentar, de qualquer modo.

? E todos mergulhando no prazer do *wishfull thinking* – o mais descarado... Lacan: “a psicanálise vai durar o que ela durar”. Taí quem menos trouxa.

? E basta de reverências irrisórias. Venha de vez a referência provisória. O que importa não são Lacans nem fossem Freuds, mas o que de PSICANÁLISE ou coisassim já SE inventou: APESAR de tais compadres. O que sobrar do peneirado.

? Lacan: “o inconsciente é capitalista”. Aliás, tudo se presta ao discurso capitalista: inclusive a drogaria, inclusive a psicanálise.

? Campos de Concentração? Ainda existe muito disso por aí e até hoje. E os psicanalistas, o mais freqüentemente, judeus inclusive, estão pouco se lixando, a despeito dos alardes. Afora a “indústria do holocausto” que é bem outra coisa.

? Da boca para fora, ‘grandes pensadores’, e ‘zeladores’ dessa lama societária. Mas na prática mesmo, qual tem sido o papel dos ditos psicanalistas?: higiênico da burguesia. Que saíamos desta – se pudermos os otários.

? Não há nenhuma “crise da psicanálise”. Só há crise de ditos analistas – e de mercado para eles. Talvez muitos, muitos deles andem meio desempregados. Também, pudera. São magotes sedizentes e automeados. Além de se terem tornado, na maioria, francos reacionários: aos movimentos da Coisa.

? A medicina cria demandas com suas ofertas? Ou viceversa? Seus fregueses a procuram para escaparem de confrontos com a famigerada falta? Ou pelo contrário? E as falhas anatômicas devem ser deixadas assim mesmo – porque, Deus sabe muito bem porque está nos fazendo tamanha sacanagem? Será que alguém assim, que dispõe tais tolices, não se veste, não usa relógio, sapatos, automóvel, não toma remédios, cura gripe no tapa? É-se *um homem* sem próteses? Aliás, as demandas já estavam dantes muito bem criadas – e sem a competência de resposta que agoraqui graçasadeus já bem se estornam; e justamente apareceram, dado o nosso excessivo, em função do seu franco confronto com as tais ‘faltas’, e não muito pelo contrário.

? E, daí por diante, o bobajal nosso de cada dia vai crescendo até o enorme. Por exemplo, na clonagem: bicho papão das novas marmanjas criancinhas intelectualóides. E pelamordedeus que não se clonem psicanalistas assim: que menos nos assustam ratos com orelhas nas costas do que analistas sem orelhas nos devidos lugares.

? Novamente: NÃO HÁ NENHUMA CRISE DA PSICANÁLISE. Inadimplência teórica e clínica, isto há. Inadimplência de análise própria, isto há. Inadimplência de formação, intelectual ou qualquer outra, isto há. Demissão, cagaço e ignorância diante de outras produções, isto há. Aluguel da própria morada a outras facções, isto há. Ou, ao contrário, arrogância e onipotência a

partir de bostejos pomposos, isto há. Surdez e cegueira sobre o que ao redor acontece e se prepara, isto há. Etc., etc., etc., isto há.

? As neurociências? As farmacologias? Elas são bem vindas. Não sei por que, tirante arrogância poderosa de um lado e burrice crassa de outro, elas deveriam assustar psicanalistas. É claro que eles mentem, nem todos, mas alguns dos “neurocientistas” e “farmacólogos”, alardeando competências que (ainda) não têm, ou dopando sintomas. Mas é bom mesmo que esses saberes logo cresçam de uma vez e direitinho: e aí todos verão, quando entendido afinal o *homogêneo* da joça por inteiro, que as duas vias, a deles e a nossa, afinal se completam e, às vezes, uma ou outra, caso a caso, deve tomar a dianteira: com os mesmíssimos resultados, isto é, quando são *mesmo* resultados. Psico-somático, ou sômatopsíquico, são apenas vetores contrariados da mesmíssima botada. E pouco importa que se tratem de “doenças”, de “transtornos” ou de “afetações” (que é o nosso caso): sempre serão recortes mais ou menos arbitrários.

? É verdade que todo ato, como resultante, é inarredavelmente *político*. Qualquer ato. Mas, *o psicanalítico*, não tem outra POLÍTICA que não aquela mesma que possa ser desenhada pela própria psicanálise. Qualquer outra apropriação é indébita e, em última instância, se revela metaforicamente... criminosa (de lesa psicanálise).

? Isso que se tem chamado de Psicanálise não é Filosofia. Isso que se tem chamado de Psicanálise não é Sociologia. Isso que se tem chamado de Psicanálise não é Ciência Política. Isso que se tem chamado de Psicanálise não é Psiquiatria. Isso que se tem chamado de Psicanálise não é Matemática. Isso que se tem chamado de Psicanálise não é Biologia. Isso que se tem chamado de Psicanálise não é Ecologia. Isso que se tem chamado de Psicanálise não é Astrologia. Isso que se tem chamado de Psicanálise não é Genética. Isso que se tem chamado de Psicanálise não é Etc., nem Etc., nem Etc. O que não a impede de transar cada uma; o que não a impede de comer todas elas. Aliás, todo e qualquer discurso, para isso que se tem chamado, bem ou mal, de Psicanálise pode ser, para ela, também, ANALISANDO.

? Ou, se não, *nem precisa se chamar Psicanálise. Nem precisam se chamarem psicanalistas*. O fato de caras de talento terem achado um modo de abordar isso que sempre esteve por aí se manifestando – e mesmo recebendo outras mais ou menos aproximadas ou assemelhadas abordagens – e terem com isto conseguido alguns importantes achados, isto nem mesmo obriga alguém a situar-se sob o mesmo protetorado: como em qualquer conhecimento, basta que se tomem os achados e se continue a laborar a partir deles. O que é que importa mesmo?: o conhecimento que se possa tirar disso e a eficácia do trabalho: mais nada. – *Il Papa sono io. – Ma che!, sono io*. Isto não passa de comédia romana: haja vista à história da outra igreja e suas trapalhadas. Estão brigando pelo que mesmo? Por uma mentira? Por uma farsa? E como vociferava aquele psicólogo bêbado,

psicoalcoólogo, *in vino veritas*, bem no meio do meu seminário: “Nome do Pai é o Caralho!”

? É para se curar tamanha carraspana? Mas como? De que jeito? Não há nenhuma “variante da cura tipo”, pelo simples fato de que NÃO HÁ CURA TIPO coisíssima nenhuma.

? Ou, se não, podem mesmo *continuar a chamá-la renitentes Psicanálise e a se nomearem Psicanalistas*. Não é preciso nenhum pânico, com ou sem síndrome. Seu alcance, da dita Psicanálise, não é só remediar doencinhas da cuca, chiliques de madames, broxuras de machinhos. Trata-se de um outro pensamento: que nada tem a ver com aqueles supostos àquelas áreas de saber arroladas acima como, para com ela, em radical diferença, mas aproveitáveis. Repetindo: UM OUTRO PENSAMENTO: capaz de considerar, portanto, outramente, o que quer que se passe pelas cucas da gente, ressarcir nossas histórias, pessoais e coletivas (pessoais porque coletivas e viceversa), reentonar nossas vidas com guinadas de sentido, compensar nossos prantos com rajadas de entendimento (mas do seu – e não de qualquer outro). O seu é um outro vento: tornado e retornado.

? Ou será que em breve haverá operadores de saúde pública a distribuir, até gratuitamente, bolinhas bem boladas para a drogadição social generalizada? Se não é este o intuito, é melhor preservar, para muitos, o que por fim acabar restando da nossa (pobre) Psicanálise. Até quando, e até que ponto, os paliativos midiáticos, as pieguices religiosas, os arranjos políticos, as sanções judiciais, os engambelos da moda, os ajeitos econômicos, vão conseguir segurar a onda, tão grande e, assim, incontrollável, das multidões redesbragadas? E não para recalá-las e amestrá-las, mas sim para orquestrá-las e saudar sua música. Era melhor uma profilaxia, uma propedêutica, uma preparação enfim: para o quê, duvido se algo melhor do que a tal (pobrezinha da) Psicanálise. Ou, se não, esperem para ver o circo pegar fogo. E nós outros, os palhaços, só não riremos é de pena e de cansaço.

? Verdade mesmo que há um “mito da interiorização subjetiva”. O qual, aliás, cada vez mais se demonstra não servir efetivamente para nada. Não há nenhum dentro: simplesmente porque não há nenhum fora. Os fechamentos forjados não constituem realmente nenhum heterogêneo. Por isto mesmo tenho tanto jogado o tal “sujeito” para o lixo: para o lixo da história.

? O chamado Sujeito é só um delírio da Filosofia (o modelo da paranóia) – que acabou por infestar a Psicanálise, a qual não é uma questão *sobre* o tal Sujeito, nem mesmo uma questão *do* tal Sujeito: é apenas uma resposta a (se) *Haver desse jeito*: uma resposta possível, entre as outras, mas inteiramente diferenciada, quem sabe se a melhor disponível, como quero e suponho.

? Não precisamos de nenhum Sujeito, mesmo porque nele não acreditamos. O que existe são EGOS, formações o mais freqüentemente bem fechadas, autossomática e etossomaticamente, além de neo-etológicas no Secundário, isto

é, culturalmente. Mas há sim Revirão e Hiperdeterminação, ascese do Gnoma em Absoluta Vinculação: o que nada tem a ver com Sujeito (isto é, algum *subjectum*), mas sim (nem para dentro nem para fora) tem a ver com o *ad-jectum* de nossa condição: ad-jetiva quando se trata do nosso Originário (e não subjetiva como tanto ainda se propala). Embora não haja nem dentro nem fora, o lugar que importa não é sub(jectum): muito pelo contrário, sua metáfora de lugar seria bem melhor para o lado de fora: donde não acreditarmos mais em nenhum *sujeito* nessa estória.

? Por exemplo: que Sujeito para a InterNet? Nenhum Sujeito: a pura exasperação de *Haver Desse Jeito*, encurralado entre a indiferenciação genérica de um lado e o não-Haver Impossível do outro lado. Qualquer um que a aborde resta apenas *ad-jetivo*, quer dizer: um ADJEITO (fica bom em nossa língua: *um há-de-jeito*). Mesmo assim, alguns supõem que a InterNet não comete os atos falhos: não comete: ela É um atofalho, se não for definitivamente O ATOFALHO materializado: Inconsciente em carne viva e às amostras. E agora, que intervenham quando e como puderem, quando e como *se* deixarem... A EMERGÊNCIA é isso aí, em todos os sentidos da palavra. Não é não? Então esperem. Se há este futuro, haverá outro presente, muito outro, dentro do qual quem sabe o da Psicanálise...

? Modernidade? Coisa nenhuma. Nunca houve nenhum efetivo *hodierno*. Com ou sem Psicanálise. O rabo sempre esteve preso, nos sintomas para trás, e o olho demais grudado para a frente no horizonte. O *hoje*, o presente desse *hodierno*, quando enfim o ganharemos? A Psicanálise que poderia (do verbo *poder*, não esqueçamos) ser *presente*, é de *uma outra razão*, é de *uma outra lógica*, em perfeita “equivalência articulatória” *com o Haver* por inteiro em sua presentíssima glória.

? E que me perdoem os compadres: “ancestralidade”, do que efetivamente dependemos sim, é verdade, não precisa de nenhuma paternidade: é o caráter mesmo do Haver em sua memória, mesmo de estado para estado, qualquer estado.

? Há muito que eu já disse: A PSICANÁLISE É ARRELIGIÃO (tanto faz tomar-se este A como artigo, ou prefixo negativo). Mas quando haverá presente capacitado a escapar da baixaria milenar desse campo tão importante? Foi só por menos que já recrudesceram, no bestial contemporâneo, as primariedades desse campo malcurado. E o Ted Turner tem razão mesmo neste caso e daqui para a frente: “o Cristianismo é uma religião para perdedores”. Mesmo. Com ou sem Max Weber, no capitalismo pós protestante, ou melhor, protestado (como uma promissória).

? \$, isto é, um S barrado, chama-se a isto Cifrão: o símbolo do... Dinheiro. Foi a isto que chegamos nos finais do século passado: ‘Significante mesmo, é o

Dinheiro; o resto, é tudo Significado’. Releiamos os famosos “discursos”, mesmo o dito “da Psicanálise” à luz deste inarredável estorvo.

? Ninguém precisa estar desarvorado e panicado por causa da Pulsão (dita, malmente, ser de Morte). Mesmo porque não há outra, meus caros, só esta, a devida. Se a devida Pulsão (que de Morte) tem cada vez mais espaço para se desenvolver (e sempre teve), é com a mesma razão que a mesma devida Pulsão costuma ser o que está no princípio mesmo de toda e qualquer criação. A tecnologia que destrói é a mesma que cria. Tentemos escolher. Outra coisa é a suposta certeza da vitória inelutável da entropia, a menor ou maior prazo, fazendo perecer as formações segundo um arquipotente desejo de não-Haver – mas cuja possível outra-face insistimos, quiçá tolamente, em não querermos reconhecer.

? O tropeço começa ao se postular e repetir A Falta famigerada) como estruturante do Haver – e conseqüentemente desse malestar cá dentro dele. Quando melhormente bem podemos reconhecer, que a dita Falta é puro *efeito* de outra força-maior: justamente O EXCESSIVO da Pulsão, esta sim, a estruturante do Haver. Esta é a nossa retomada do TESÃO (como se diz Pulsão em bom português) como a “identidade-de-última-instância” da Psicanálise, como diz um outro. Talvez nesta virada possamos encontrar toda a (prefiro suspeitar auspiciosa) brutal transformação pela qual começa a passar justamente a passagem para o Quarto Império, emergente, do Império anterior.

? Regulamentar a “profissão” de Psicanalista – eis aí o que pode ser um cúmulo de imbecilidade, quem quer que seja o debilóide do autor de tamanha insensatez. De vez em quando algum pateta vem sugerir esta bobagem outra vez. A não ser que seja a “profissão do resto”, como diz muito bem um outro. PSICANÁLISE NÃO É PROFISSÃO: é modo de pensar, o qual pode (isto é, tem o poder de) acabar por constituir algum aparelho (um método, como dizia Freud) de intervenção em *qualquer* arquivo das humanas transações. O que pode ser bem aplicado na clínica médica, na clínica psicológica, bem como em qualquer outra área disciplinar de aproximação das e intervenção nas humanas elaborações: a da Psicanálise é CLÍNICA GERAL – e clínica geral AD HOC. E tais áreas já estão sobejamente regulamentadas em suas práticas profissionais. Imaginem vocês a bestice que seria querer regulamentar a “profissão” de behaviourista, ou de existencialista, ou de estruturalista, ou de relativista, ou de marxista, ou de darwinista. Haja paciência para tanta tontice! Ou, se não, que se regule primeiro a praticância do imbecilista profissional.

? A CLÍNICA que preconizamos?: pura e simplesmente a *com-sideração e reconsideração da agonística* (segundo a concepção de um *espaço vetorial*) das formações *patéticas* (para não dizer patológicas) que constituem nossas *afetações* (ditas mentais): NEUROSE, MORFOSE, PSICOSE – no estrito sentido que têm estes termos no contexto específico de nossa conceituação. Pedindo desculpas por não termos tido mais espaço (quer dizer, tempo

suficiente) para incluí-las, também elas, em nossa explanação anterior, dado o vulto das necessárias explicações introdutórias, só podemos aqui é avisar sobre a diferença radical de nossas (teóricas e práticas) abordagens, concepções e intervenções.

? E o futuro da Psicanálise? Ah! É mesmo... Os futuros? São esses que imaginam. Quando houver alguma coisa lá na frente, aí a gente vê – se alguma aposta terá tido algum presente.